

Selecção Natural

MÁRIO MELO ROCHA



Há uma senhora que sorri

A senhora, que sorri, sabia que a coisa do superestado não era assim, mas era assim que o efeito pretendido se despoletava

Ainda só comparável aos tremores de Pompeia antes da lava se abater sobre ela. A cidade de então é o euro de agora. E até o amigo americano, que não desdenharia ver o euro sacudido, se assusta com a tremedeira. Todos, à respectiva escala, intervem ao mesmo tempo numa cacofonia confrangedora e numa vertigem assustadora. Obama critica os líderes europeus, acusando-os de não saberem lidar com a crise. Barroso apela a um novo impulso federador e diz, enquanto europeu, não aceitar lições dos americanos. Cavaco verbera Merkel pela sua tirada de retirar capacidade de decisão a certos países europeus e vê no BCE um emprestador de último recurso. O governador do Banco de Portugal dá uma lição aos deputados sobre tudo isto, não sendo líquido que todos o tenham percebido. O ponto a que se chegou convoca, de urgência, uma reflexão muito mais profunda do que a resolução casuística da situação, independentemente da necessidade óbvia de lhe dar saída.

A pergunta é esta: qual é a génese desta incapacidade europeia em evitar que se chegasse aqui e, uma vez aportados, em a resolver? Qual foi o momento que tudo paralisou, embora poucos tenham dado por isso e alguns desses poucos tenham, então, encolhido os ombros? Se se aprender, pode ser que se aprenda daqui para a frente. E talvez seja necessário proceder a uma refundação de um projecto único muito perto da sua frustração. A construção europeia teve inúmeros momentos críticos, inúmeras dividas e outras tantas angústias. Mas tratou-se sempre de crises pontuais e que se sabia, face à vontade política existente de construção do projecto, serem pontuais. Havia, até ao final do século passado, uma atitude pró-activa nas instituições europeias e essa atitude marcava uma linha de rumo e um ritmo que faziam acreditar na ultrapassagem das crises que ocorressem. Nessa altura, finais dos anos 90, havia de estar a chegar uma discussão maior. Não em grau, mas de natureza. Tratava-se de saber se a Europa deveria proceder a um approfondimento (da sua dimensão política, entendendo-se) como pretendiam os poucos federalistas assumidos (nos quais me incluí) ou se, diversamente, a Europa deveria proceder a um alargamento, deixando para depois o dito aprofundamento. Essa discussão seria crucial, porque da vitória de uma das opções dependeria o rumo e os instrumentos ao dis-

por da Europa. Isto num Mundo já globalizado que funcionava, como funciona, em torno de bolsas agrupadoras de países e regiões. Venceu a segunda opção, tendo-se para tanto conjugado a vontade obstaculizadora de uns com os temores reverenciais de outros. E quando, em Maio de 2004, se alargou, de uma só vez, a mais dez países e a mais de 75 milhões de pessoas, ficou escrito que a Europa engordava mas ficava sem músculo. Estavam criadas as condições para uma postura reactiva e defensiva que tem, desde aí, norteador a construção europeia. Tudo a que se tem assistido nos últimos anos decorre daqui: uma defesa cada vez mais acérrima dos interesses nacionais em detrimento de uma construção comum, uma voracidade dos instrumentos de mercado nunca vista até então, uma incapacidade deprimente da Europa responder politicamente, não só para fora de si mas já mesmo para dentro de si própria. E a prova do desespero não podia ser maior: é que, perante a incapacidade de largos meses em resolver a situação, é agora 'federalista' quem nunca o foi, vê nessa mudança de agulha a única saída quando há sete, oito ou dez anos poderia ter evitado a entrada. Mas como tudo o que é posição, não galvaniza, não levanta as pessoas nem lhes preenche a alma.

Ainda há poucos dias, um senhor que responde pelo nome de David Lidington e que é secretário para a Europa do Reino Unido, dizia que «os interesses do povo britânico» definem a política externa do governo de Cameron e que, se o Tratado de Lisboa for revisto, «Londres vai defender os seus interesses». Ora aqui temos nós matéria revisitada, com a reverência necessária. Pois que, há dez anos, numa obra notável ao menos quanto à clareza das intenções, foi escrito: «O movimento para a criação de um superestado burocrático europeu tem enormes implicações para todo o Mundo (...). Urge acordar o Mundo para esta realidade e pôr-lhe termo, se ainda formos a tempo. Se não formos, tentar refreá-la e prepararmo-nos para a enfrentar» (*A Arte de Bem Governar* - Margaret Thatcher - p.370). A senhora, que sorri, desde então, sabia que a coisa do superestado não era assim mas era assim que o efeito pretendido se despoletava. E foi a tempo, como se vê. Foi ela, porventura, a primeira pessoa que disse à Europa: «I love you, but...». Amava nada. No fundo recordava deliciada, enquanto tomava o chá, o título de um dia do *Times*: «**Nevoeiro no Canal, Continente isolado**». Há um longo caminho para inverter isto. Recauchutar ou refundar?

Notas da Católica - Lisbon

RITA COELHO DO VALE



Presentes envenenados

Há cerca de um ano tive a oportunidade de visitar o meu antigo liceu. A associação de antigos alunos organizou o jantar dos 'anos oitenta', onde pudemos reviver colegas passado quase 30 anos. O jantar decorreu nas instalações do liceu e a direcção, mostrando um enorme apoio à iniciativa, abriu as portas do liceu à meia noite para se recordar com muita nostalgia os tempos ali passados e ver as novas instalações. No meio de todo aquele corrúpio emocional de ver caras de quem se tinha perdido o rasto, e o de relembrar tantos episódios da adolescência passada entre aquelas quatro paredes, também verifiquei uma enorme partilhada estupefacção e quase choque ao verificarmos as obras de recuperação. Claramente, ultrapassavam as nossas expectativas. Desde o elevador panorâmico no meio do liceu, a grande escadaria de acesso à nova cantina, cubas de inox e torneiras de luxo nas casas de banho, dignas do melhor condomínio privado, pouco se via de sinais de poupança e da crise em que o país se encontrava.

Reacção semelhante tive quando visitei a Madeira. Tendo lá estado há mais de 20 anos, encontrei uma ilha que tinha sofrido transformações profundas. As velhas estradas em que 20 anos antes nos tínhamos recusado a guiar sem um experiente condutor de táxi, que guiava naquelas curvas e contra-curvas com uma habilidade surpreendente, agora são vias rápidas, cheias de túneis, que nos permitem percorrer a ilha de uma ponta a outra num piscar de olhos. O Funchal parecia uma cidade tirada da geografia de um país nórdico, tudo arranjado, cheio de canteiros de flores, teleférico para se puder subir ao jardim botânico e apreciar a vista dos pontos mais altos da cidade, tudo exemplar. Sem sinal de crise.

Pouco depois da visita ao liceu, veio a saber-se que as recuperações das escolas tinham tido de tal modo uma derrapagem orgamental que não haveria capital suficiente para prosseguir com recuperações do parque escolar. E agora a Madeira. A enormidade das dividas contraídas e o 'esconder' das mesmas faz com que a sociedade em geral, e não apenas a do 'continente' como alguns alegam, esteja em choque. Como é que é possível? E estas coisas, a somar a muitas outras, fazem-nos repensar o sistema político que vigora. aparentemente, os que estão no poder têm possibilidade de assumir compromissos em nome do Estado português, sem que sejam obrigados a qualquer controlo de despesas e de forma totalmente impune. Depois desaparecem da visão pública, alguns optando por ir para o estrangeiro, sem sequer terem a dignidade de ficar a dar a cara e fornecer explicações àqueles que endividaram. De forma impune e quase de gozo, pois ficam com reformas pagas pelo Estado. Não só ficamos a pagar as dividas, como ainda os sustentamos. Esta é uma situação que tem de ser repensada. Tem que deixar de haver impunidade total, caso contrário iremos certamente continuar a receber muitos 'presentes' envenenados que em nada contribuem para a melhoria da nossa sociedade.

Docente

Católica Lisbon- School of Business and Economics